

PROJETO DE PESQUISA

ESTEREÓTIPOS E PRECONCEITOS EM RELAÇÃO AO NEGRO NO LIVRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO DO 1.º GRAU – NÍVEL I

Ana Célia da Silva
Da Universidade Federal da Bahia

P

retendo investigar os estereótipos e preconceitos em relação ao negro nos livros de Comunicação e Expressão de 1.º grau, nível I, como instrumentos de transmissão de uma ideologia de inferiorização que objetiva dominar, dividir e eliminar, racial e culturalmente, o negro através do branqueamento e da desculturação. Este trabalho de investigação, fará incidir o foco da análise tanto sobre o livro quanto sobre o professor que o utiliza.

Os livros foram selecionados a partir de um rol de 81 títulos indicados por professores que lecionam

em 22 escolas situadas no bairro da Liberdade (Salvador). Desse total retivemos os 20 títulos que apresentaram maior incidência de estereótipos e preconceitos em relação ao negro. Esses livros serão apreciados através da técnica de análise de conteúdo.

O segundo foco de análise, incidirá sobre os professores que trabalham com os livros selecionados. Pretendemos identificar a percepção dos professores quanto aos estereótipos e preconceitos contidos no livro didático bem como seu papel de mediador dos mesmos.

O objeto de investigação dessa pesquisa surgiu a partir da minha experiência profissional como orientadora educacional desde 1974 e da militância no Movimento Negro Unificado, desde a sua fundação em 1978. O contraste entre a marginalização econômica, política e social do negro na sociedade brasileira e a quase total ausência da percepção das suas causas pelos próprios negros e pela quase totalidade da sociedade, nos conduziu a investigar os processos que determinariam essa alienação.

Identificamos os aparelhos ideológicos do Estado como responsáveis pela veiculação de ideologias que são produzidas no sentido de representar os dominados como inferiores e desiguais. O objetivo de representar o dominado como inferior evolutivamente, mais próximo da emoção do que da razão, ideologia produzida pelas instituições, é justificar a exploração e a opressão.

Em uma sociedade pluricultural como a brasileira, o sistema de ensino privilegia a cultura branca com o objetivo de promover a *desculturação* e o branqueamento.

Desculturar é um processo consciente de desagregação cultural de um grupo, com fins de exploração econômica, política e social e é inerente a toda forma de exploração colonial ou neo-colonial.

Branquear é admitir a superioridade da raça branca. É impor seu padrão, seus valores, sua história, sua cultura, como os únicos corretos e verdadeiros e, através de um processo de inferiorização dos padrões, valores, cultura e história dos grupos dominados, levá-los a assumir os valores brancos como meio de afirmação e aceitação social. Mas o branqueado, o assimilado, torna-se indistinto, inexistente, sem diferenças, mas sempre considerado desigual.

Por outro lado, a escola, como instituição que representa concretamente junto ao povo o sistema de ensino, não é apenas reprodutora dos valores e ideologias hegemônicos. Concordamos com Faria (1986) quando afirma que ela pode ser um espaço que transmite informações que sendo elaboradas em relação a vivência do oprimido poderá transformar-se em um instrumento para a sua libertação e transformação social. A escola é o espaço onde o oprimido pode adquirir instrumentos que lhe servirão para reapropriar-se da cultura e da reflexão crítica.

Por sua vez, na escola, é o livro didático o instrumento de transmissão da ideologia da classe dominante. O professor, como um dos mediadores do livro didático, pode reproduzir inconscientemente a

ideologia de dominação, devido a uma formação que o impede, na maioria das vezes, de analisar e de criticar o conteúdo contido nos livros.

Faria (1984) também vê o livro didático como difusor de preconceitos na medida em que nele o índio é visto como selvagem, a mulher, como mãe e doméstica, o caboclo brasileiro como caipira. O negro é apresentado sob forma estereotipada e negativa. Sua figura é ausente nas representações positivas e presentes sempre em situações e profissões consideradas humilhantes e inferiores.

No livro didático, com poucas exceções, o negro é apresentado como minoria e em último lugar. É associado em ilustrações e textos a mau, incapaz, feio, sujo, malvado. Ai, as causas da miséria do explorado são apresentadas como produtos da inferioridade do mesmo e não de sua exploração por parte do sistema. Essas ideologias formam as bases teóricas dos estereótipos com que são representados e percebidos na sociedade, o índio, o negro, o mestiço, a mulher, o trabalhador e demais oprimidos.

Segundo Luz (1983), os estereótipos justificam a exploração e a opressão pelo índice imaginário de superioridade de um grupo humano sobre outro, recalçando todo o processo histórico que engendrou esta determinada situação.

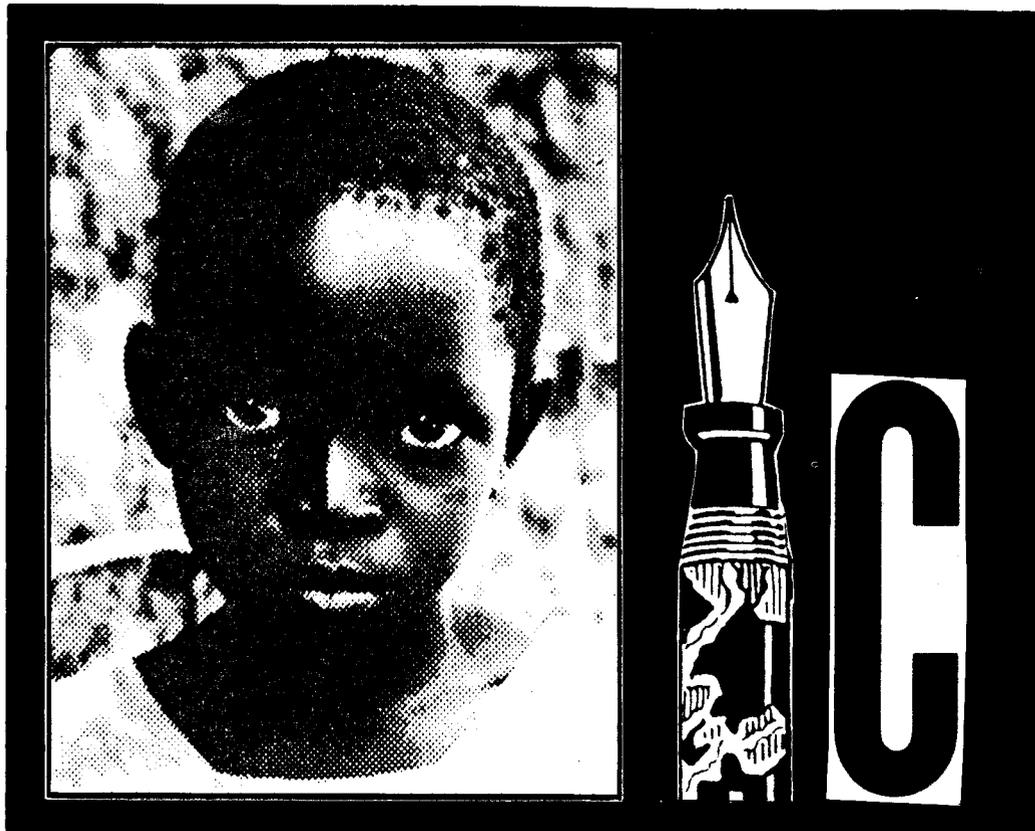
Foi a suposição de que a veiculação desses estereótipos e preconceitos pelos aparelhos ideológicos do Estado (no caso, a escola e o livro didático) são

determinantes básicos da inferiorização dos explorados (do negro) bem como dos comportamentos de auto-rejeição, rejeição aos seus assemelhados, busca do embranquecimento e dificuldade de identificação cultural, que nos conduziu a esta investigação.

Ao tentar analisar o sistema de ensino brasileiro e a escola como um dos aparelhos responsáveis pela transmissão das ideologias e valores da classe hegemônica, sinto necessidade de identificar a educação fora do sistema de ensino formal e oficial.

A educação existe em toda sociedade desde a aparição do homem na terra. O processo educativo existiu nas sociedades consideradas sem história, como a africana; desenvolveu-se de forma sistemática e prática, visando atender às necessidades econômicas, políticas, sociais e culturais daquelas sociedades. A milenar tradição oral africana — desde a formação dos bandos, passando aos clãs, à sociedade de linhagem, chefaria e estado organizado — desenvolveu uma educação sistemática do povo africano. Fora da África, o povo negro continuou a expansão da sua educação e da sua cultura, paralelamente aos sistemas tradicionais ocidentais de ensino. Os valores negros resistem ao processo de alienação, expandindo-se através da religião africana, das escolas comunitárias, das instituições negras, dos blocos afros e afoxés, que veiculam a cultura e a história do negro na África e na diáspora.

Por outro lado, o sistema oficial de ensino tem,



na escola e no livro didático, seus principais agentes de veiculação das ideologias da classe dominante e está comprometido com a expansão da cultura e dos valores dessa classe, hegemonicamente europeus, com a prática de branqueamento e inferiorização dos segmentos dominados.

Alguns indicadores levantados em nossa pesquisa darão uma idéia da forma como o negro é representado no livro didático. Senão vejamos. Em 81 livros de Comunicação e Expressão analisados encontramos indicadores que compõem as seguintes categorias:

- negro associado a preguiçoso, a mau, a animal, a feio, a favelado, a incapaz, a louco, a "palhaço";
- negro exercendo atividades consideradas inferiores na nossa sociedade;
- negro caricaturado;
- negro resignado;
- negro humilhado pelo branco;
- negro apresentado como objeto, sem nomenclatura (apelidado), sem família e origem;
- estereótipos explícitos em relação ao negro nos textos;
- depreciação da cultura e do aspecto físico do negro;
- agressão verbal ao negro;
- total ausência do negro em vários livros;
- negro como minoria;
- negro em último lugar;
- ausência de pai e mãe negros.



Em apenas dois livros o negro é apresentado de forma positiva, embora como minoria e assimilado.

Os reflexos da forma como o negro é apresentado nos livros se traduzem nas reações que a criança negra apresenta em relação à escola, bem como nos comportamentos que desenvolve.

Uma escola que não representa o seu mundo, um livro que a apresenta de forma negativa não pode atrair essa criança. A rejeição e a violência simbólicas impostas pela escola são introjetadas e a criança reage rejeitando essa escola e seu conteúdo que a humilha. Surge, então, o fenômeno da evasão retraduzido como incapacidade, desnutrição, má orientação da família, mas não como incapacidade da escola. Quando não evade, a criança tenta superar a imagem negativa imposta, através de atitudes agressivas, exibicionistas. As menos insurgentes deixam-se cair na mais profunda inibição e silêncio.

A escola e os meios de comunicação conseguem, então, na maioria das vezes, colocar para o negro que ele é inferior, minoria na sociedade e está em último lugar. Grava em suas mentes os papéis que devem ocupar na sociedade ao tempo em que coloca na cabeça das crianças de pele clara o sentimento de superioridade em relação às crianças negras, que as transformarão em mais um instrumento de inferiorização destas.

As conseqüências da presença dos estereótipos e preconceitos em relação ao negro no livro didático não constituem objeto de nosso estudo na presente investigação. Contudo, poderão ser objeto de nossa preocupação em trabalhos subsequentes.

Ao tempo em que expomos nossa investigação sobre a forma como o racismo é veiculado na escola através do livro didático, temos presente que o mesmo é um instrumento de dominação de um sistema econômico e que a sua eliminação passa pela transformação radical da sociedade onde o mesmo é prevalente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FARIA, A.L.G. de. *Ideologia do livro didático*. 2. ed. São Paulo, Cortez, 1984.
- LUZ, M.A. *Cultura negra e ideologia do recálque*. Rio de Janeiro, Achiamé, 1983.